



**Propostas Para a Preservação do Parque Paleontológico de
São José de Itaboraí (Brasil) a Partir da Percepção Populacional**
Proposes for the Parque Paleontológico de São José de Itaboraí (Brazil)
Preservation by the Public Understanding

Wellington Francisco Sá dos Santos & Ismar de Souza Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Instituto de Geociências, Departamento de Geologia. Av. Athos da Silveira Ramos, 274. Bloco F. 21941-916, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ.

E-mails: tonlingeo@yahoo.com.br; ismar@geologia.ufrj.br

Recebido em: 09/09/2011 Aprovado em: 30/10/2011

Resumo

A Bacia de São José de Itaboraí é considerada patrimônio geológico por apresentar rochas calcárias ricas em fósseis de invertebrados e vertebrados, destacando-se os mamíferos do Paleoceno tardio, que se difundiram na Terra em torno de 57 Ma após os eventos de extinção do Cretáceo Superior. No intuito da geoconservação do patrimônio geológico foi criado em 1995 o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro, Brasil) que, atualmente, passa por um processo de revitalização, incluindo a construção de um centro cultural para exposição científica. Nesse contexto, realizaram-se entrevistas com a população de São José de Itaboraí para a análise da percepção pública acerca do parque paleontológico. Os entrevistados comentaram que a população do lugar é importante, mas não participa na preservação do parque paleontológico devido à precariedade da divulgação e infraestrutura da instituição. A percepção da população é de que o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí não está sendo eficaz na proteção do patrimônio geológico e sensibilização dos moradores. Este estudo analisa estratégias de geoconservação e musealização do patrimônio geológico, programas educacionais, planejamento, ordenamento do território e atividades geoturísticas.

Palavras-chave: Parque Paleontológico de São José de Itaboraí; patrimônio geológico; estratégias de geoconservação

Abstract

The São José de Itaboraí Basin is considered a geological heritage due the richness of invertebrates and vertebrates fossils, specially the late Paleocene mammals, which spread through the Earth about 57 Ma ago, after the Late Cretaceous extinction events. The geological heritage of the area was first protected through the Parque Paleontológico de São José de Itaboraí (Rio de Janeiro State, Brazil), established in 1995, which is currently being revitalized including the construction of a cultural center for scientific exposures. In this context, was analyzed the São José de Itaboraí public understanding about the paleontological park. The population of the area considers that the park lacks diffusion of the information and infrastructure. The public understanding is that the Parque Paleontológico de São José de Itaboraí is not efficient in the protection of the geological heritage or changing the perception of the local population about the importance of the area. This study analyzes geoconservation and musealization strategies for the geological heritage, territorial planning and management, educational programs and geotouristic activities.

Keywords: Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, geological heritage, geoconservation strategies

1 Introdução

São José de Itaboraí é um bairro rural do 6º Distrito do município de Itaboraí, cuja sede é Cabuçu (Estado do Rio de Janeiro). Nesta localidade encontra-se uma pequena bacia sedimentar de 1.400 m de comprimento por 500 m de largura preenchida por rochas calcárias ricas em fósseis de invertebrados e vertebrados, com destaque para os mamíferos. No local existem também vestígios, principalmente artefatos líticos, do homem pré-histórico datados de 8.100 ± 75 AP (Figuras 1 e 2) (Beltrão, 2000). De 1933 até 1984, funcionou na área a Companhia Nacional de Cimento Portland Mauá. Esta atividade econômica foi responsável por um crescimento social e econômico na região, devido, principalmente, à urbanização e pelo surgimento de empregos e melhoria da renda (Santos, 2010).

Em relação aos estudos científicos, um aspecto positivo da atividade mineradora foi evidenciar

a grande importância daquele depósito calcário sob o ponto de vista paleontológico. As profundas e extensas escavações ali efetuadas revelaram a existência de rico depósito fossilífero do Paleógeno, com destaque para a fauna continental do Paleoceno tardio, de aproximadamente 57 milhões de anos, correspondente aos primeiros mamíferos que se irradiaram pela Terra após a extinção dos dinossauros há cerca de 65 milhões de anos. Essa característica única faz com que a bacia sedimentar seja conhecida como o “berço dos mamíferos” no Brasil (Bergqvist *et al.*, 2006; Bergqvist *et al.*, 2008). Todavia, esta intensa atividade de mineração acarretou a destruição da maior parte dos afloramentos e os remanescentes encontram-se atualmente inundados ou cobertos por vegetação e rejeitos. Um lago formou-se na depressão gerada pela atividade mineradora (Figura 2).

Contudo, encerrada a extração do calcário para a fabricação do cimento, São José de Itaboraí entrou num processo de decadência social e econômica.

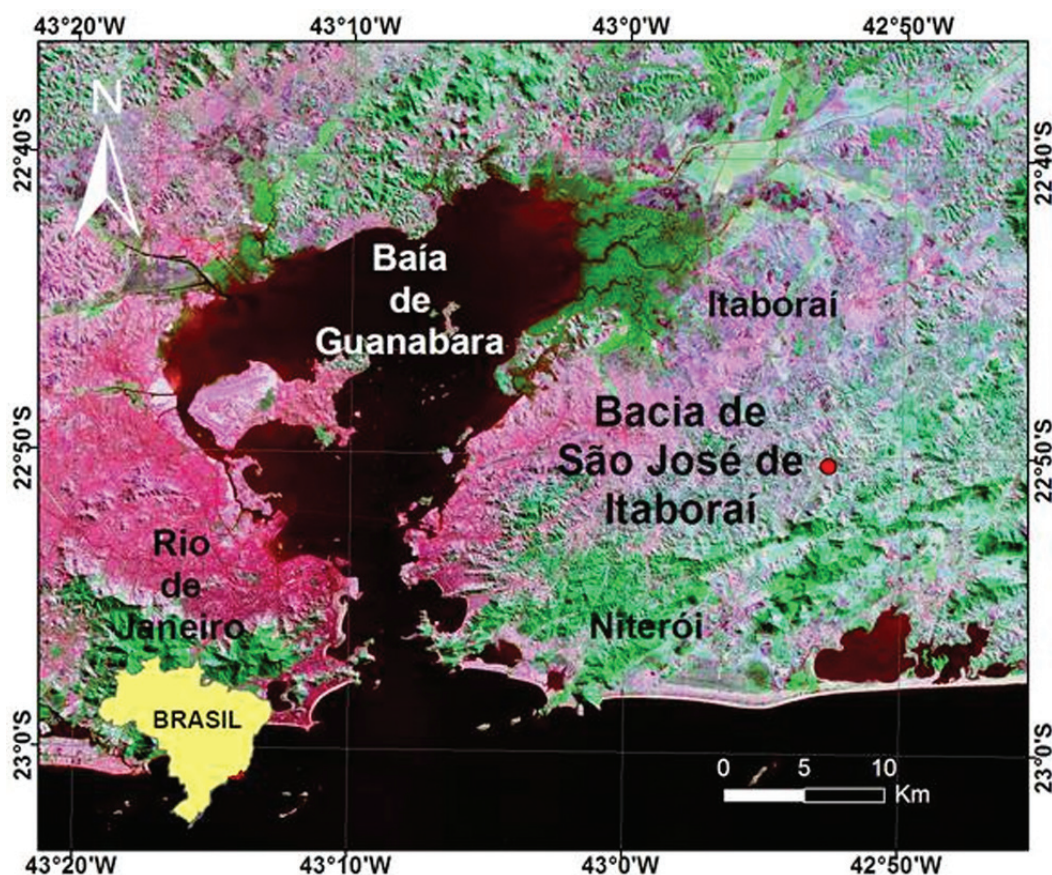


Figura 1 Localização da Bacia de São José de Itaboraí. Imagem obtida do satélite Landsat.

Desde então, o lugar recebeu pouca atenção das organizações públicas e dos empreendedores do setor privado e, com isso, tornou-se praticamente abandonado (Santos, 2010). Muitos pesquisadores da comunidade acadêmica fluminense e professores do município de Itaboraí lutaram pela criação de um parque paleontológico, com o intuito de geoconservação do patrimônio geológico, desenvolvimento de estudos científicos em Geologia, Paleontologia e Arqueologia e promoção da educação e treinamento da comunidade na questão ambiental. Assim, em 2 de abril de 1990, a prefeitura local declarou a área de utilidade pública e, em 12 dezembro de 1995, foi criado o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, tornando-se área de preservação permanente (APP) do município de Itaboraí, através da lei municipal nº 1346 (Rodrigues *et al.*, 2006).

Atualmente, está em andamento um projeto de revitalização do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí coordenado pelo Instituto Virtual de Paleontologia (IVP) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), em parceria com a Petrobras. Vem sendo construído um centro cultural (Centro de Referência Ambiental, Paleontológico e Arqueológico) (Figuras 3 e 4), buscando a sensibilização da comunidade dos bairros do entorno do parque em relação à proteção de tão importante patrimônio geológico do Estado do Rio de Janeiro, além de funcionar como um órgão integrador de ações sistemáticas de educação patrimonial e ambiental, envolvendo a comunidade residente e estimulando o geoturismo na região (Velloso & Almeida, 2006).



Figura 2 Bacia de São José de Itaboraí com o Morro da Dinamite ao fundo, local onde foram encontrados vestígios de ocupação humana pré-histórica. Com o fim da extração de calcário formou-se um lago no local (março, 2011).



Figura 3 Sede do Centro de Referência Ambiental, Paleontológico e Arqueológico do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí. O local expõe rochas e artefatos líticos, além de réplicas de animais pré-históricos (março, 2011).



Figura 4 Visão interna da sede do Centro de Referência Ambiental, Paleontológico e Arqueológico do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, destacando-se a réplica de uma preguiça gigante (março, 2011).

Nesse contexto, realizaram-se entrevistas com a população de São José de Itaboraí para avaliação da percepção local sobre o parque paleontológico. Os resultados da pesquisa possuem aplicação em

programas de educação popular, em estratégias de geoconservação, musealização do patrimônio geológico, em instrumentos de planejamento, ordenamento do território e em medidas para atender ao geoturismo.

2 Metodologia

Foram realizadas 100 entrevistas com abordagens diretas e de maneira aleatória com a população de São José de Itaboraí, além de pessoas não residentes, mas que possuíam vínculos com a localidade, como verdadeiros conhecedores das modificações ocorridas. Elaborou-se um questionário com questões pré-estabelecidas e temas voltados à preservação do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, possibilitando uma análise quantitativa e qualitativa dos dados. Algumas das questões apresentavam respostas fechadas, já que neste caso a intenção era a obtenção de dados quantitativos. Entretanto, outras questões eram de caráter aberto, na busca de informações qualitativas.

As entrevistas ocorreram entre 19 e 27 de janeiro de 2009 e davam-se pela visita às casas residenciais e comerciais, além de transeuntes, geralmente na região central de São José de Itaboraí. Foram estruturadas duas abordagens diferenciadas. A primeira abordagem da pesquisa agrupou informações correspondentes aos dados pessoais

dos entrevistados, como por exemplo, sexo, idade, naturalidade, escolaridade, faixa salarial, local de residência atual e tempo de moradia no lugar. Na segunda abordagem da pesquisa procurou-se entender a percepção que a população de São José de Itaboraí, como verdadeiros conhecedores das transformações ocorridas no lugar, têm do parque paleontológico (Tabela 1).

Dessa forma, para o conhecimento da aceitação do patrimônio junto à população local é importante sabermos se os entrevistados têm conhecimento da existência do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, se já visitaram o local e se possuem ciência da sua revitalização, o que inclui a criação de um centro cultural. Essas questões são de caráter fechado, contudo alguns entrevistados comentaram sobre a impressão que tiveram do parque paleontológico quando visitaram o local e acerca de alguns aspectos do projeto de revitalização da instituição. Outra análise realizada foi a percepção que a população de São José de Itaboraí apresenta acerca da importância do parque. Avaliou-se a noção que possuem em relação à principal função da instituição.

Percepção populacional do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí
1 Você já ouviu falar do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí? Sim () Não ()
2 Você já visitou o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí? Sim () Não ()
3 Você sabe da futura revitalização do parque, o que inclui a criação de um centro cultural? Sim () Não ()
4 Na sua opinião, qual a maior importância do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí?
5 A população de São José de Itaboraí possui importância na preservação do parque paleontológico? Sim () Não ()
6 Como você pode contribuir para a preservação do parque paleontológico?
7 Na sua opinião, o que precisa melhorar no interior do parque paleontológico para atender aos visitantes? Obs: questão exclusiva para quem já visitou o parque.

Tabela 1 Questionário para a avaliação da percepção da população de São José de Itaboraí em relação ao parque paleontológico.

Para mostrarmos a identidade e consciência da população de São José de Itaboraí na preservação do patrimônio torna-se importante questioná-los sobre a importância dos moradores na preservação do parque paleontológico, bem como buscar que estes externem as possíveis contribuições que possam oferecer no sentido da preservação do local.

Para finalizar, examinaram-se as opiniões sobre o que precisa ser melhorado no interior do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí para atender aos visitantes, o que nos mostra se as medidas de conservação do patrimônio estão sendo efetivas. Nessa questão, certos entrevistados, de maneira indireta, comentaram sobre algumas ferramentas que poderiam ser úteis na valorização e divulgação do parque paleontológico, que foram inseridas na pesquisa.

3 O Parque Paleontológico de São José de Itaboraí e o Projeto de Revitalização

O Parque Paleontológico de São José de Itaboraí foi criado com o intuito da geoconservação do sítio geológico, paleontológico e arqueológico

local. No entanto, até os dias atuais, o parque não possui o devido reconhecimento nacional. Após 15 anos de funcionamento, ainda são poucas as medidas pensadas para garantir a melhoria da instituição. O parque paleontológico foi delimitado (cercado) no ano de 2006/2007 e foi construída a sede do Centro de Referência Ambiental, Paleontológico e Arqueológico (Figuras 3 e 4) em antigas instalações da companhia mineradora, além de uma plataforma para visualização da bacia sedimentar.

Contudo, a cerca que delimita o parque encontra-se cortada em alguns pontos e a área está servindo de pasto para o gado. A existência de pessoas que residem irregularmente no local e a falta de recursos para reassentá-las, também dificulta a continuidade dos trabalhos no parque paleontológico (Figura 5). Além disso, tem-se o reservatório de água em cava de antiga pedreira, o qual impede o prosseguimento dos estudos científicos, pois serve de abastecimento de água para as comunidades do entorno. Outro tema de discussão são os fósseis encontrados na bacia sedimentar mantidos em coleções de instituições científicas nacionais e internacionais e, não expostos no parque paleontológico (Souza, 2009; Santos, 2010).



Figura 5 Ocupação irregular em antigas instalações da Companhia Nacional de Cimento Portland Mauá (março, 2011).

Todavia, mesmo com estes problemas, o parque é muito visitado, principalmente, por alunos de escolas locais e estudantes universitários, interessados no conhecimento da evolução geológica do Rio de Janeiro, caracterizando assim o geoturismo na região. Atualmente, o parque paleontológico conta com apoio político e, como visto anteriormente, recursos da Petrobras, em parceria com o Instituto Virtual de Paleontologia estão sendo investidos para a melhoria da área.

Entre as principais medidas estratégicas para a revitalização do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí estão a recuperação da área degradada a partir de reflorestamento, a criação de uma rede de trilhas interpretativas e a reforma das instalações locais para a finalização do Centro de Referência Ambiental, Paleontológico e Arqueológico, já que apenas a sede, utilizada para exposição científica e um espaço para futuro laboratório foram construídos. O projeto de revitalização ainda inclui uma sala de recepção aos visitantes, um museu paleontológico, um centro de apoio à pesquisa científica, um núcleo de educação e aprendizagem profissional e um alojamento para pesquisadores (Velloso & Almeida, 2006).

As medidas estratégicas para a revitalização do parque buscam também, reassentar as famílias que estão ocupando os imóveis do local e prover infraestrutura básica no suporte às atividades de visitação, como áreas de lazer e iluminação adequada. Além disso, busca-se promover a formação de jovens para atuarem como guias do parque, por meio de cursos, elaborar material de apoio às atividades propostas, como folhetos, cartazes, souvenir e estimular o geoturismo e a formação de artesãos locais (Velloso & Almeida, 2006). Com a recuperação e conservação dos recursos naturais e culturais existentes em São José de Itaboraí, através do uso sustentável, o projeto de revitalização do parque paleontológico poderá acarretar também um novo impulso social e econômico na região. Assim, a geoconservação do patrimônio geológico local é de extrema importância para a continuidade dos estudos científicos, difusão do conhecimento e exploração do geoturismo.

4 Perfil dos Entrevistados

Participaram das entrevistas, os moradores ou pessoas com vínculos à comunidade, sendo 50%

do sexo masculino e 50% do sexo feminino. A faixa etária desses indivíduos variou de 15 a acima de 70 anos. Entre estes, 42% tinham de 15 a 30 anos e 35% de 31 a 45. Em meio aos entrevistados mais velhos, 14% possuíam idades entre 46 e 60 anos e 9% de 61 a acima de 70. Assim, a amostragem populacional foi diversificada, possibilitando a opinião de pessoas com diferentes estilos de vida e experiências pessoais sobre o espaço geográfico de São José de Itaboraí.

Outra questão essencial para a análise é sabermos a origem dos habitantes de São José de Itaboraí. Verificou-se que 37% dos entrevistados nasceram em Itaboraí e 26% em São Gonçalo. Um total de 9% nasceu na capital Rio de Janeiro. Temos a presença de 8% que são procedentes da região Nordeste do Brasil e 7% nascidos em Niterói (RJ). Cerca de 6% dos entrevistados são provenientes de outros municípios do Rio de Janeiro. Do Estado do Espírito Santo são provenientes 3% dos entrevistados. Naturais de Cabuçu são 2% e de Minas Gerais e São Paulo 1% cada.

Para que se tenha uma boa caracterização do perfil dos conhecedores de São José de Itaboraí, torna-se necessário o conhecimento acerca do grau de escolaridade que possuem. Assim, 2% dos entrevistados são analfabetos. A grande maioria possui o ensino fundamental incompleto (32%) e um total de 18% apresenta o ensino fundamental completo. Em relação ao ensino médio, 17% não o concluíram e 25% completaram esta etapa da educação. Dentre os entrevistados que cursaram o ensino superior 1% não o completou, 3% chegaram ao fim e 2% finalizaram alguma Pós-Graduação. O baixo nível de escolaridade dos entrevistados pode estar associado à característica do lugar de possuir a economia voltada para as práticas rurais e pela necessidade de alguns moradores trabalharem para auxiliar a renda familiar, sendo obrigados a abdicar dos estudos.

A análise da faixa salarial dos entrevistados em São José de Itaboraí indicou que 22% dos conhecedores de São José de Itaboraí recebem entre meio e um salário mínimo, 20% ganham de um salário e meio a dois e 10% dos participantes da pesquisa ganham entre dois salários e meio e três. Entre três a seis salários mínimos fazem parte apenas 7% da população entrevistada. Em meio aos que não recebem salário (41%) incluem-se estudantes, donas de casa (do lar) e desempregados. A maioria dos conhecedores de São José de Itaboraí recebe entre meio e dois salários mínimos e são

pouquíssimas as pessoas que ganham acima de três salários mínimos, o que caracteriza um baixo poder econômico da localidade.

Um total de 85% dos entrevistados reside em São José de Itaboraí e 6% vive no município de São Gonçalo. No bairro Cabuçu moram 4% e em Curuzu 2%. No centro de Itaboraí, no bairro de Retiro São Joaquim, em Niterói e Maricá habitam 1% dos conhecedores em cada localidade. Verificou-se que os questionamentos realizados em São José de Itaboraí contaram com a participação tanto de moradores, quanto de pessoas que possuíam vínculos, sejam estes familiares, empregatícios ou afetivos com a localidade e, nesse sentido, esses podem ser considerados “conhecedores do local”.

Em relação ao tempo de residência dos conhecedores de São José de Itaboraí na localidade em que foram entrevistados, participaram somente os moradores do bairro, não considerando os indivíduos que possuem apenas vínculos com o lugar. Nesse sentido, 30,6% dos 85 conhecedores de São José de Itaboraí, num total de 26 entrevistados, residem na localidade desde o início do projeto de construção do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, até os dias atuais, ou seja, desde 1995 até a data de realização do trabalho de campo (19/01/09 a 27/01/09).

Os entrevistados que residem no local entre 16 e 25 anos (35,3%), totalizando 30 entrevistados, são tanto remanescentes do fim da época de funcionamento da atividade mineradora da Companhia de Cimento Portland Mauá, em 1984, quanto às pessoas que estavam envolvidas com as atividades rurais. O restante dos entrevistados (34,1%) totaliza 21 pessoas que residem em São José de Itaboraí de 26 a acima de 50 anos e, devem ter sido atraídas para a comunidade devido aos empregos na Companhia Nacional de Cimento Portland Mauá e, também, pelas atividades rurais.

5 Percepção Populacional do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí

Questões relacionadas à relevância da instituição e necessidades para sua melhoria, além da importância da participação das populações locais na preservação do parque foram alguns dos aspectos avaliados nesta segunda abordagem do estudo.

5.1 Conhecimento dos Entrevistados Acerca do Parque Paleontológico

Verificou-se que 97% dos participantes da pesquisa conheciam o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí e 3% não sabiam da existência do mesmo. Todos os 97 entrevistados que conheciam o parque paleontológico já visitaram o local, o que demonstra a consciência sobre este atrativo na região.

Souza (2009) realizou uma pesquisa junto à população de São José de Itaboraí, Cabuçu, Curuzu, além do centro de Itaboraí, buscando entender, por meio de um questionário, os aspectos socioeconômicos e patrimoniais relacionadas ao parque. Verificou que grande parte dos 100 entrevistados nunca visitou o parque e metade não sabia de sua criação. No entanto, a autora deixou claro que entre os entrevistados que não possuíam conhecimento do parque e nunca o tinham visitado, a maioria eram os moradores do centro de Itaboraí (30 entrevistados), que se encontra mais distante do parque se comparados com os bairros do 6º distrito. No presente estudo, se fosse realizado um trabalho de campo no centro de Itaboraí, que se encontra bem distante do parque paleontológico, também ocorreriam diferenças nas respostas. Assim, seria mais interessante Souza (2009) separar as questões referentes aos bairros próximos ao parque das indagações do centro de Itaboraí, pois, dessa forma, os resultados se apresentariam melhor caracterizados, já que o centro de Itaboraí se trata de um outro contexto, mesmo estando num mesmo município.

Como mencionado na metodologia do estudo, mesmo os entrevistados não sendo questionados, alguns manifestaram a impressão que tiveram do parque paleontológico durante a visita. De maneira geral, os entrevistados não tiveram uma boa impressão do parque, o que faz com que a instituição tenha pouca aceitação na região. A percepção local é de que o parque paleontológico não está devidamente implementado, pois se encontra abandonado, não possui atrativos em seu interior e nem infraestrutura para receber os visitantes.

Além disso, outra questão visível é que alguns participantes comentaram que foram ao parque para apreciar o lago e não os fosséis. Contudo, não associaram o local onde se encontra o lago ao lugar onde os fosséis foram achados. Segundo Souza (2009) antes da criação do parque, o lago era o local de lazer da população, que o utilizava para banho, pesca e contemplação. Assim, a intenção da visita à

instituição baseava-se no lazer proporcionado pelo lago e não no interesse pela Paleontologia.

5.2 Noção Populacional da Revitalização do Parque Paleontológico

Dentre os entrevistados, 84% sabiam da revitalização do local e 13% nunca ouviram falar do projeto. Relembrando que 3% não conheciam o parque.

De maneira geral, os entrevistados estão desacreditados da revitalização do parque paleontológico. Os participantes reclamaram que o projeto é antigo e nunca se concretizou, sendo feito apenas a delimitação do local. Nesse caso, embora exista alguma esperança, a população já não está muito confiante na revitalização da área devido à demora em sua concretização. Isso gera desconfiança em relação aos propósitos dos responsáveis pela instituição. Assim, o projeto de revitalização necessita ser agilizado para que a população local possa se sensibilizar sobre a importância do parque e criar identidade com o patrimônio geológico.

5.3 Opinião dos Entrevistados sobre a Maior Importância do Parque Paleontológico

A Figura 6 aborda a percepção que o parque paleontológico representa para os conhecedores

de São José de Itaboraí. Entre os participantes, 40% acreditam que o parque paleontológico é um atrativo turístico que pode gerar emprego, renda e infraestrutura para a região. São José de Itaboraí possuía a economia voltada para a mineração, porém com o fim desta atividade em 1984, a comunidade e os bairros do entorno entraram num processo de decadência social e econômica. Então, esta porcentagem de entrevistados vê no parque paleontológico uma forma de crescimento socioeconômico por meio do turismo voltado para o conhecimento da Geologia, Paleontologia e Arqueologia da região.

Apenas 12% dos conhecedores de São José de Itaboraí acreditam que a maior importância do parque seja a de valorizar e divulgar a história e a cultura de São José de Itaboraí. Para esta parcela dos participantes, no momento em que se valoriza e divulga a história de milhões de anos do lugar, a cultura e os aspectos históricos dos moradores também serão valorizados e divulgados. Dessa forma, o geoturismo poderá ser associado com os aspectos histórico-culturais da região, calcados, principalmente, na atividade mineradora da Companhia Nacional de Cimento Portland Mauá, o que contribuirá para o desenvolvimento socioeconômico dos bairros do entorno do parque paleontológico. O tópico pesquisa e difusão do conhecimento científico foi compartilhado por 16% dos conhecedores de São José

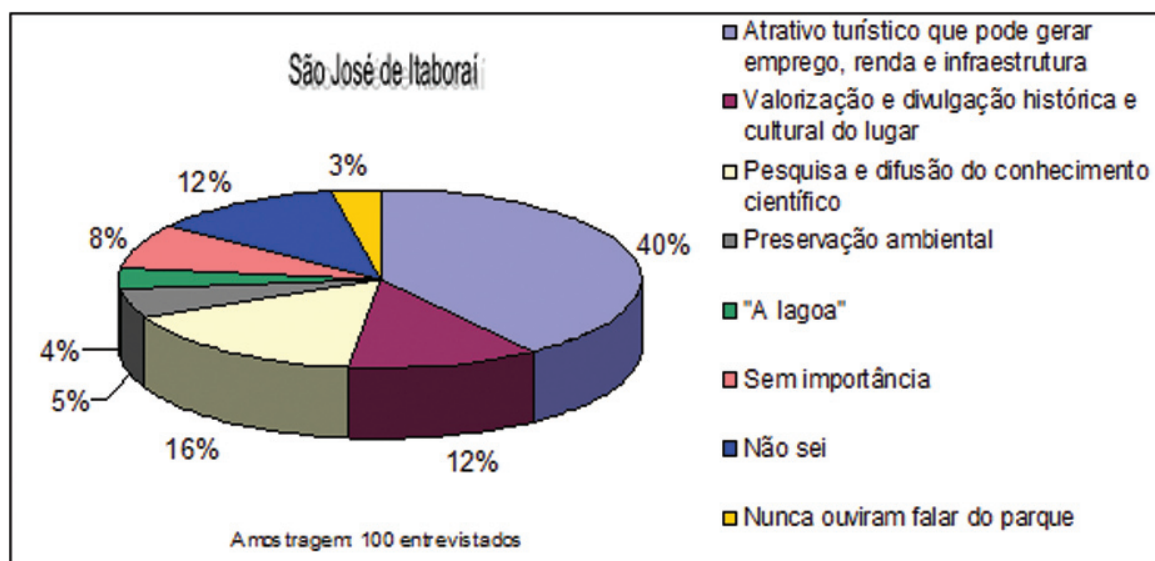


Figura 6 Relação de opiniões dos conhecedores de São José de Itaboraí acerca da maior importância do parque paleontológico local. Universo de 100 entrevistados (19/01/09 a 27/01/09).

de Itaboraí, que acreditam que a maior importância do parque está voltada para os estudos científicos e sua difusão em diferentes escalas.

A preservação ambiental é considerada por apenas 5% dos conhecedores de São José de Itaboraí como a principal função do parque. Isso é bastante preocupante, pois, na realidade, a valorização e divulgação histórica e cultural da região, a continuidade da pesquisa e difusão do conhecimento científico e os benefícios socioeconômicos do geoturismo só serão realidade, no momento em que o patrimônio geológico estiver protegido. Como afirma Brilha (2005), o geoturismo só se justifica por meio de estratégias de geoconservação que garantam a sustentabilidade dos geossítios. Nesse sentido, a maior importância do parque paleontológico é proteger o patrimônio geológico, sendo o uso potencial para o geoturismo uma consequência deste processo.

Um fato bastante curioso é a presença de 4% dos conhecedores de São José de Itaboraí que afirmaram que a maior importância do parque é “a lagoa”, que serviu durante muito tempo como área de lazer e, atualmente, abastece as comunidades do entorno, demonstrando que o local tem um grande significado para as populações locais, transcendendo até mesmo as questões científicas da região. Um total de 8% dos conhecedores de São José de Itaboraí crê que o parque paleontológico não possui importância alguma devido à precariedade em que se encontra. Entre os que não souberam responder a questão temos 12%.

5.4 Entendimento Local da Importância da Comunidade na Preservação do Parque

Entre os 100 entrevistados, 79% creem que sim, 16% que não e 2% não souberam responder se a comunidade é relevante para a preservação do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí. Isso mostra que a grande maioria dos conhecedores locais possui consciência da importância da participação da população para a preservação do patrimônio geológico. Destaca-se que 3% dos conhecedores de São José de Itaboraí não conheciam o parque. Vimos anteriormente que, mesmo a questão sendo de caráter fechado, alguns participantes explanaram as opiniões que tinham sobre suas respostas.

De maneira geral, os entrevistados, mesmo acreditando que a comunidade possui importância na preservação do parque paleontológico,

confirmaram a necessidade de conscientização local sobre a importância do patrimônio. Acreditam que a população de São José de Itaboraí é fundamental na preservação do parque, mas não se interessa pela temática. Isso se dá pela falta de melhorias no interior da instituição. Comentaram que não se sentem convidados a participarem das atividades do parque e da necessidade de um projeto mais organizado, com a integração da comunidade. Assim, a percepção local é de que população não dá valor ao patrimônio e não participa na sua preservação.

Os entrevistados que não acreditam na importância da população de São José de Itaboraí na preservação do parque paleontológico afirmaram, de maneira geral, que esta tarefa é função exclusiva dos políticos e pesquisadores e que a população não possui educação e cultura de preservação do patrimônio.

5.5 Contribuições dos Entrevistados para a Preservação do Parque Paleontológico

Buscou-se uma reflexão dos entrevistados, acerca das possíveis contribuições que possam oferecer para a manutenção do parque e proteção do geossítio, já que a maioria dos participantes acredita que a comunidade é importante na preservação do patrimônio.

Pela observação da Figura 7, percebe-se que 35% dos conhecedores de São José de Itaboraí acreditam que podem contribuir com a preservação do parque paleontológico trabalhando voluntariamente. Essa parcela dos entrevistados compreende que tendo algumas atitudes como plantar uma árvore no interior do parque, realizar mutirões para recolher o lixo e capinar o local, além de evitar queimadas, seriam maneiras de contribuir com a preservação do patrimônio.

Avançando na interpretação da Figura 7 averigua-se que 23% dos conhecedores de São José de Itaboraí creem que podem estar contribuindo com a preservação do parque paleontológico por meio da divulgação local. Para esta parte dos entrevistados, com a divulgação do parque paleontológico, mais estudantes e pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo terão curiosidade em conhecer os aspectos científicos da região. Isso poderá atrair investimentos públicos e privados, contribuindo tanto para a melhoria do parque paleontológico, como também, para a geração de benefícios sociais e econômicos nas comunidades locais.

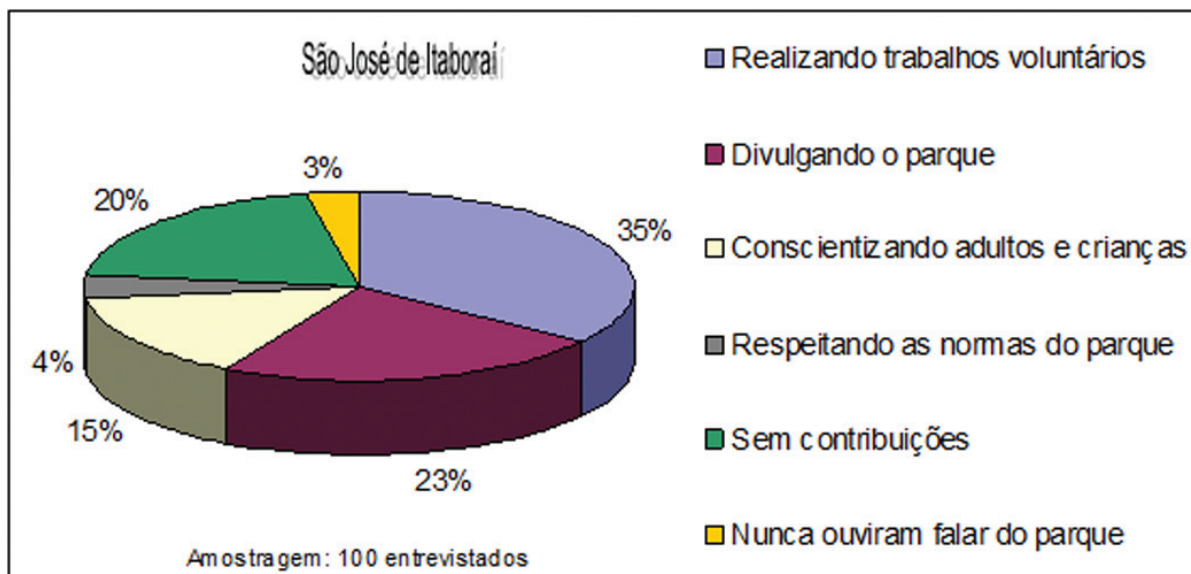


Figura 7 Relação das possíveis contribuições dos conhecedores de São José de Itaboraí para a preservação do parque paleontológico. Universo de 100 entrevistados (19/01/09 a 27/01/09).

A conscientização de adultos e crianças (Figura 7) sobre a grande importância do parque paleontológico e do estudo dos fósseis é considerada por 15% dos entrevistados em São José de Itaboraí, como uma possível forma de preservação do patrimônio. Este percentual de entrevistados crê que trabalhando os conceitos paleontológicos e de preservação do patrimônio junto às crianças, através da educação básica, ajudaria na criação de identidade com as pesquisas científicas do parque paleontológico. Além disso, os próprios estudantes estariam repassando o conhecimento para os pais, parentes e amigos.

No exame da Figura 7, apreende-se que 4% dos conhecedores de São José de Itaboraí acham que a melhor maneira de contribuir com a preservação do patrimônio seria respeitando as normas do parque paleontológico. Assim, não jogar lixo no local, não desmatar a área e não destruir as instalações durante a visita foram alguns aspectos citados pelos entrevistados.

Um total de 20% dos conhecedores de São José de Itaboraí acreditam que, por não terem conhecimento do que se trata o parque paleontológico ou por não terem tempo, não podem contribuir com a preservação do patrimônio. Vale recordar que

3% dos conhecedores de São José de Itaboraí não conheciam o parque paleontológico (Figura 7).

Segundo Mansur (2009), somente o envolvimento das comunidades locais na gestão do espaço delimitado poderá promover a sustentabilidade financeira e ambiental requerida.

5.6 Propostas para Melhoria do Parque Paleontológico

Foram realizadas 215 citações de 97 entrevistados que já visitaram o parque paleontológico (Figura 8). Com 17,2% das 215 citações, a melhoria das vias de acesso/trilhas do interior do parque foi a mais comentada como sendo de extrema urgência (Figura 9). O tópico reflorestamento do parque recebeu 16,3% das 215 citações de necessidades para a melhoria do interior do parque paleontológico. Uma totalidade de 14,4% das 215 citações dos conhecedores de São José de Itaboraí está voltada para a precariedade das instalações do parque, o qual precisa de reformas.

O tópico infraestrutura do parque auferiu 13,9% das 215 citações e, dentro deste tema, os conhecedores de São José de Itaboraí explanaram diferentes melhorias em infraestrutura necessárias

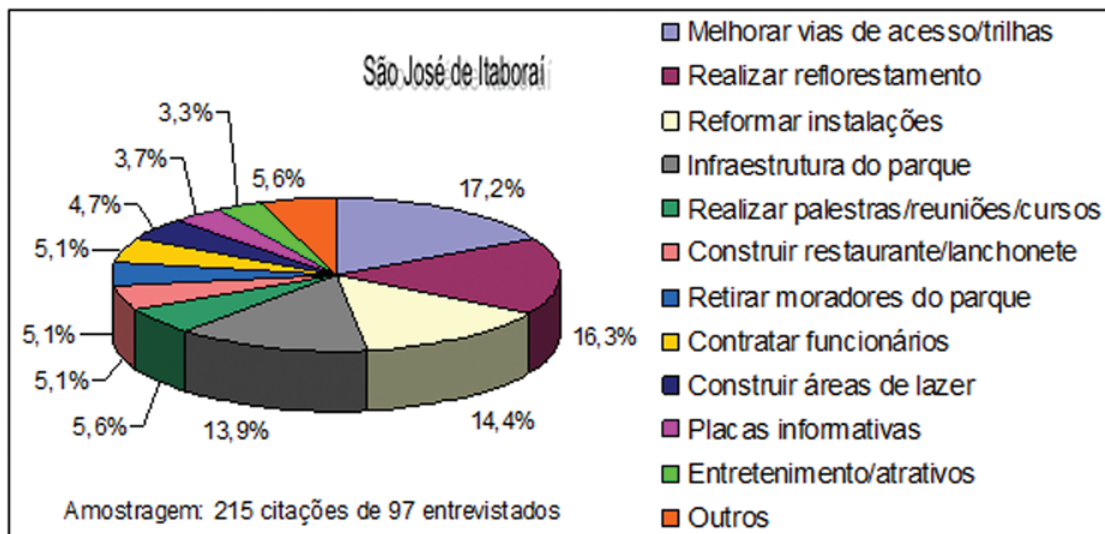


Figura 8 Relação de opiniões dos conhecedores de São José de Itaboraí a respeito do que precisa melhorar no interior do parque paleontológico para atender aos visitantes. Universo de 215 citações de 97 entrevistados (19/01/09 a 27/01/09).

para o local (Figura 8). Os entrevistados recomendaram a criação de um centro cultural para exposição científica, a elaboração de uma coleta seletiva de lixo e a instalação de iluminação adequada como benefícios indispensáveis para a melhoria do parque. Sugeriram também, a criação de uma biblioteca no interior do parque para que os visitantes possam realizar pesquisas, a construção de uma recepção e de uma loja de souvenirs. Comentaram

acerca da carência de placas de sinalização no local, principalmente nas trilhas, além da necessidade de construção de um estacionamento, de infraestrutura para deficientes físicos, visuais e de um alojamento para pesquisadores.

Dando continuidade à avaliação da Figura 8 compreende-se que o tópico realizar palestras, reuniões e cursos, que são maneiras de divulgar



Figura 9 Via de acesso no interior do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí que leva à bacia sedimentar. A via encontra-se em reforma para melhor atender aos visitantes, o que demonstra que aos poucos o parque está sendo revitalizado. A vegetação também foi aparada (março, 2011).

o parque, conscientizar os moradores sobre a importância dos fósseis, além de capacitá-los para exercerem o atendimento ao turista, abarcou 5,6% das 215 citações. A falta de um restaurante/lanchonete no interior do parque para atender aos visitantes abrangeu 5,1% das 215 citações. Para melhorar o interior do parque paleontológico é preciso retirar os moradores do local. Esta é uma opinião compartilhada em 5,1% das 215 citações. Além disso, torna-se necessário a contratação de funcionários para serem guias turísticos e para realizarem a segurança e limpeza do parque paleontológico. Este tópico abrangeu 5,1% das 215 citações. A construção de áreas de lazer no interior do parque paleontológico obteve 4,7% das 215 citações. A insuficiência de placas informativas (painéis interpretativos) no interior do parque foi comentada em 3,7% das 215 citações.

O tópico necessidade de entretenimento/atrativos alcançou 3,3% das 215 citações (Figura 8) e, dentro deste tema, os conhecedores de São José de Itaboraí comentaram algumas opiniões de atrativos para o local, como por exemplo, a preparação de atividades voltadas para o teatro, arte e música, envolvendo a questão paleontológica, a elaboração de uma exposição de fósseis e rochas no local e, a construção de réplicas em tamanho natural dos fósseis encontrados na localidade. Por último temos o tópico “outros” que abrange 5,6% das 215 opiniões dos conhecedores de São José de Itaboraí, que não se encaixaram nos assuntos abordados anteriormente. Dentro deste tema os entrevistados comentaram da urgência em se retirar o gado do interior do parque, da necessidade de uma maior valorização do lago e da elaboração de um projeto mais organizado.

Nesse contexto, percebe-se que a população de São José de Itaboraí não se interessa pelo projeto do parque paleontológico devido à precariedade dos aspectos estruturais do local e pela baixa circulação de informações e explicações sobre a temática. No entanto, se as medidas abordadas pelos entrevistados relacionadas à conservação, valorização e divulgação do parque paleontológico (Figura 8) e o projeto de revitalização se concretizarem, com certeza, a instituição será referência nos estudos geológicos, paleontológicos e arqueológicos do Estado do Rio de Janeiro, podendo contribuir com o desenvolvimento socioeconômico do 6º Distrito do município de Itaboraí através da intensificação do geoturismo. Para isso torna-se necessária a integração de investimentos tanto públicos quanto privados para melhoria do patrimônio.

6 Conclusões

Verificou-se que as estratégias de geoconservação do parque paleontológico (conservação, valorização e divulgação) não estão sendo eficientes para a sensibilização das populações locais e proteção do geossítio. A maioria dos entrevistados conhecia o parque paleontológico, já o visitaram e sabem do projeto de revitalização, entretanto, estão distantes da instituição. Isso se dá pela falta de entendimento em relação ao patrimônio, da má infraestrutura e entretenimento para os visitantes no interior do parque, além da demora na efetivação das propostas de revitalização, gerando desconfiância em relação aos interesses dos responsáveis pela instituição.

Em relação à proteção do geossítio, verifica-se que os afloramentos encontram-se inundados, cobertos por vegetação e rejeitos. Contudo, a questão da inundação é complexa, pois o lago formado com o fim da mineração vem sendo utilizado para o abastecimento de água das comunidades do entorno. Então, uma possível drenagem dessa água para a continuidade dos estudos científicos poderia gerar conflitos na região. Nenhum trabalho de monitoramento do geossítio vem sendo realizado.

Os próprios moradores reconhecem que as medidas necessárias para a intensificação do geoturismo, satisfação dos visitantes e conscientização das populações locais sobre a importância do patrimônio estão baseadas, principalmente, na realização de benfeitorias no interior do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí e na elaboração de medidas de valorização e divulgação da instituição.

Nesse contexto, pode-se concluir que o sucesso do projeto do parque paleontológico demanda a mobilização das comunidades para a preservação e gestão do patrimônio.

7 Agradecimentos

À Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Lilian Paglarelli Bergqvist e Maria Antonieta da Conceição Rodrigues pela leitura crítica ao estudo. À Lucas Balsini Garcindo pela ajuda na elaboração das ilustrações. À população de São José de Itaboraí pela receptividade e contribuições positivas para a realização da pesquisa. Este estudo contou com o apoio do CNPq, CAPES e FAPERJ.

8 Referências

- Barreto, M. 1999. *Turismo e legado cultural: as possibilidades de planejamento*. Campinas, SP, Papyrus, Coleção Turismo. 96 p.
- Beltrão, M.C.M.C. 2000. *Ensaio de Arqueogeologia*. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora Ltda. 168p.
- Bergqvist, L.P.; Moreira, A.L. & Pinto, D.R. 2006. *Bacia de São José de Itaboraí 75 anos de História e Ciência*. Rio de Janeiro, Serviço Geológico do Brasil – CPRM. 81 p.
- Bergqvist, L.P.; Mansur, K.L.; Rodrigues, M.A.; Rodrigues-Francisco, B.H.; Perez, R.A.R & Beltrão, M.C.M.C. 2008. Bacia São José de Itaboraí, RJ - Berço dos mamíferos no Brasil. *In: WINGE, M.; SCHOBENHAUS, C.; SOUZA, C.R.G.; FERNANDES, A.C.S.; BERBERT-BORN, M. & QUEIROZ, E.T. (eds.). Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Disponível em <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio123/sitio123.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2011.
- Brilha, J.B. 2005. *Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Coimbra, Viseu Palimage. 190 p.
- Mansur, K.L.; Schmitt, R.; Barbosa, M. & Erthal, F. 2009. Bacia de São José de Itaboraí – o berço dos mamíferos. Disponível em <http://www.drm.rj.gov.br>. Acesso em 03 de março de 2011.
- Mansur, K.L. 2009. Projetos Educacionais para a Popularização das Geociências e para a Geoconservação. *Revista do Instituto de Geociências – USP*, 5:63-74.
- Nascimento, M.A.L.; Ruchkys, U.A. & Neto, V.M. 2008. *Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico*. Sociedade Brasileira de Geologia, SBGEO. 82 p.
- Rodrigues, M.A.C.; Medeiros, J.B.; Rodrigues-Francisco, B.H. & Fiaux Rodrigues, V.L. 2006. Preservação do Patrimônio Geológico e Paleontológico do Estado do Rio de Janeiro, utilizando Projeto “Jovens Talentos”. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 43, Aracaju, 2006. Resumos, Aracaju, p. 87.*
- Santos, W.F.S. & Carvalho, I.S. 2008. A importância do Museu dos Dinossauros no desenvolvimento socioespacial de Peirópolis – Uberaba (Minas Gerais): diagnóstico para o turismo paleontológico. *Revista do Museu Nacional*, 66(2): 403-456.
- Santos, W.F.S. 2010. *Diagnóstico para o uso geoturístico do patrimônio geológico de São José de Itaboraí – Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro): subsídio às estratégias de geoconservação*. Programa de Pós-Graduação em Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 252p.
- Souza, A.R. 2009. *Geoconservação e Musealização: a aproximação entre duas visões de mundo. Os múltiplos olhares para um patrimônio*. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Dissertação de Mestrado, 155p.
- Velloso, R. & Almeida, M.C.S. 2006. *Plano de Diretrizes do Parque Municipal Paleontológico de São José de Itaboraí*. UERJ, Departamento de Geologia, 43p.